

MUSEU VIVO DO SÃO BENTO, ESCRITA E MILITÂNCIA: PROJETOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA BAIXADA FLUMINENSEEliana Santos da Silva Lauretino¹**RESUMO**

Esse estudo tem por objetivo apresentar como a produção do conhecimento na Baixada Fluminense está fortemente relacionada às disputas sobre a memória e a história na região. Esse movimento de produção acadêmica permite entender como os registros de conhecimento suscitaram a formação de grupos com interesses em comum, promovendo e forjando diferentes projetos, que buscavam a legitimidade sobre o discurso da memória e da história. Pensar as relações entre história e memória permite entender o papel do historiador no processo constante de patrimonialização e monumentalização de bens materiais e imateriais que emergem socialmente.

Portanto, analiso como as escritas e as práticas patrimoniais impactam ou são impactadas diante de mudanças nas temáticas nacionais e políticas públicas, bem como na confluência ou no conflito com movimentos internos. Identificando como a temática das culturas afro-brasileiras está se configurando como uma bandeira de produção de conhecimento, em especial, no campo da Educação, na cidade de Duque de Caxias.

Palavras-chave: historiografia; culturas afro-brasileiras; Baixada Fluminense.

¹ Professora da Fundação Educacional Duque de Caxias (FEUDUC).

ABSTRACT

This study aims to present how the production of knowledge in the *Baixada Fluminense* is strongly related to disputes over memory and history in the region. This academic production of motion allows us to understand how knowledge records raised the formation of groups with common interests, promoting and forging different projects, seeking the legitimacy of the discourse of memory and history. Think the relationship between history, memory allows us to understand the historian's role in the constant process of patrimonial and monumentalization of tangible and intangible assets that emerge socially.

Then, I hope to analyze how the written and patrimonial practices affect or are affected by changes in national and public policy issues, and at the confluence or conflict with internal movements. Identifying how the theme African-Brazilian cultures shaping up as a banner of knowledge production, especially in the field of education in the city of Duque de Caxias.

Keywords: historiography; afron brazilian culture; Baixada Fluminense

PRIMEIRAS PALAVRAS

A Memória e o Patrimônio² são chaves de reflexão caras aos diferentes sujeitos na sociedade. Contudo, a Baixada Fluminense³, uma região composta por maioria da população negra e parda, ainda recebe investimentos insuficientes às ações voltadas à memória, à história e ao patrimônio das culturas afro-brasileiras. Deve-se considerar o

² Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Patrimônio material protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. www.iphan.gov.br. Acesso em (20/01/2016).

³ Baixada Fluminense pode ser definida como o conjunto de municípios localizados na região metropolitana da atual Cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a classificação da FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro), a Baixada Fluminense compõe os seguintes municípios: Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Mesquita, Japeri. Ver BRAZ, Antônio Augusto. De Merity a Duque de Caxias: encontro com a História da Cidade. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2010; p. 10

recente debate que envolve o protagonismo da história no campo do patrimônio. Nessa perspectiva, a produção de narrativas sobre o passado, vinculadas à reflexão de práticas e símbolos que geram valor e transformam objetos do passado em patrimônio cultural da humanidade, apresenta a relação entre o saber e o poder. Assim, é possível analisar como as escritas na região estão inseridas em “modo de fazer história” que implica nos projetos de disputas de memórias sobre a região, que passam por ações e produções de agentes e agências na Baixada Fluminense.

A memória estaria, então, materializada através de instrumentos da história, que agem em “função” de interpretar e reinterpretar um passado, a partir das disputas presentes ou futuras (POLLAK, 1989). Importante lembrar que, desde os anos 2000, ocorre um crescimento de debates e produções sobre patrimônio e culturas afro-brasileiras, um reflexo do processo de redemocratização do país e do fortalecimento dos movimentos sociais, bem como da emergência de novas temáticas e perspectivas teóricas nas universidades.

Nesse sentido, pensar as relações entre história, memória e patrimônio é entender o papel do historiador no processo constante de patrimonialização e monumentalização de bens materiais e imateriais que emergem socialmente. Esses “lugares de memória” estão relacionados à produção historiográfica, ao poder público governamental e as suas ações através de políticas públicas, a reivindicação social para o que se convencionou chamar de “dever de memória” e a própria condição do passado.

Assim, o papel do historiador e do intelectual na produção do conhecimento merece destaque. Desde a década de 1970, diferentes correntes de pensamento se propuseram a sistematizar e organizar ideias capazes de refletir sobre as relações entre o agente, as agências e a produção da escrita da História, e das relações entre a História com as outras áreas das ciências humanas (REVEL. 2009). Isso indica que o ofício de quem se propõe a escrever sobre o passado está envolto de ambiguidades, sendo necessário demarcar o lugar de fala, que implica em limitações e potencialidades sobre essa escrita (CHUVA, 2012).

Nessa perspectiva, destaca-se que o patrimônio é uma forma de escrita do passado. Manuel Luiz Salgado Guimarães (2012) sugere a reflexão acerca do

patrimônio vinculado ao trabalho de produzir narrativas sobre o passado, considerando não apenas o ofício do historiador, mas a todos que se dedicam ao tema. Assim, o patrimônio parte de agendas políticas contemporâneas que devem ser relacionadas à escrita da história, pois seria um ato valorativo transformar objetos do passado em patrimônio cultural da humanidade. A escrita do passado seria, então, instrumento para seleção de memórias que permitem a configuração de elementos simbólicos constituintes de identidades.

1 - OS “USOS DO PASSADO” EM ALGUMAS OBRAS NA BAIXADA FLUMINENSE

A escrita é um reflexo da prática e das intenções de articulação que a temática permite construir. “Não existe relato histórico no qual não esteja explicitada a relação com um corpo social e com uma instituição de saber” (CERTEAU, 1982, p. 88). Numa tentativa de sistematizar a historiografia sobre a Baixada Fluminense, foi possível identificar, ao longo do século XX, diferentes investimentos locais na escrita da história da região, no registro de memórias e iniciativas de preservação de acervos e patrimônios.

Um exemplo importante dessa prática de articulação entre escrita da história local e projetos políticos é apresentado através da obra de Amália Dias (2014) *“Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)”*. A própria comemoração do centenário municipal em 1933 promoveu uma série de solenidades, sendo apontadas pela autora como uma estratégia para firmar a narrativa histórica na qual a laranja e os seus produtores seriam os responsáveis pelo progresso local.

Dias, interessada nos debates acerca da instrução agrícola e da educação escolar, busca entender como os projetos dos grupos locais no distrito sede de Nova Iguaçu são parte de projetos políticos e econômicos defendidos pelas elites locais e pelos governos estaduais fluminenses, que estão preocupados com a modernização das atividades agropastoris para o desenvolvimento econômico do estado. O Jornal local “Correio da Lavoura” teria sido um forte instrumento utilizado para a campanha do movimento ruralista fluminense no município de Iguaçu. Assim, “Os temas de

saneamento, da higiene e da instrução constituíam a base de um projeto de adaptação do território da Baixada Fluminense e de sua população ao desenvolvimento das atividades agropastoris, que, em Iguaçu, ganhou impulso com a citricultura.” (DIAS, 2014, p. 80).

O jornal “Correio da Lavoura” foi trabalhado pelos intelectuais de sua redação, como um espaço destinado à propaganda ruralista no município de Nova Iguaçu. A citricultura representou um símbolo de prosperidade, modernidade e progresso para o distrito sede de Nova Iguaçu, nos anos de 1920 e 1930.

Dias defende que o enquadramento de memória realizado através do jornal “Correio da Lavoura” para as comemorações do centenário criou uma memória da citricultura nos trabalhos historiográficos que privilegiaram a laranja nos discursos sobre a região. Isso implica em leituras das primeiras produções sem criticidade sobre as intenções desse recorte, que ignorava a presença dos trabalhadores, e consequentemente gerou uma reprodução dessa visão nas produções seguintes.

Nielson Bezerra (2014) também corrobora com essa análise de Dias, ao avaliar a invisibilidade da mão de obra escrava nas primeiras produções sobre a Baixada Fluminense, entendida pelo autor como uma historiografia tradicional. Assim, ele considera que o foco das obras era político e administrativo. Isso seria o reflexo da “(...) continuidade dos trabalhos que perpetuaram a visão historiográfica sobre a Baixada Fluminense inaugurada por ocasião do centenário da Vila de Iguaçu.” (BEZERRA, 2014, p. 4).

Nesse sentido, torna-se relevante destacar que no século XIX a escrita da história, que se estabeleceu científica, visava construir identidades nacionais. Revel (2009) aponta que a história, junto com a filosofia, estaria com legitimidade em termos ideológicos e é a história a encarregada em falar sobre a Nação. Entender o uso político dos autores e os lugares e espaços de suas escritas, capacita para uma leitura mais crítica da produção na Baixada Fluminense, sem, simplesmente, rotular os estudos pioneiros de “memorialistas”, mas compreende-los em seus contextos. Assim, entender os projetos políticos implica reconhecer as escolhas temáticas que foram privilegiadas e também os modos de produção da história, as regras do ofício, que não foram as mesmas ao longo do tempo.

Rui Fernandes (2009), que analisa as obras fluminenses desse período, destaca que a preocupação era com argumentos de uma construção de futuro que enfatizasse os grandes avanços do presente. Isso permite um melhor entendimento desse processo, que no caso de Iguazu, teve a citricultura como protagonista. As obras das primeiras décadas republicanas seriam produzidas dentro da perspectiva do projeto de Nilo Peçanha, com o compromisso de oferecer dados e argumentos que apontam um presente com grandes avanços.

Fernandes (2009) ainda identifica, nas publicações fluminenses entre 1930-1950, que durante o período de Nilo Peçanha o compromisso era construir uma imagem de um novo futuro em construção, embasada na superação do período imperial, no qual o presente era o momento de avanços. Após a intervenção federal de 1923 no estado e afirmação de outros grupos de poder, um grupo de intelectuais, apoiados por Feliciano Sodré, oposição a Nilo Peçanha, formaram a agremiação intitulada a “Renascença Fluminense”. Rui Fernandes ressalta que esse movimento não buscou base no passado recente da República – período Nilista –, mas no passado colonial das províncias para escrever sobre a história regional do estado (DIAS, 2014, p. 34).

De uma outra forma, pode ser percebido como a escrita da história é uma estratégia política, nos quais os intelectuais que lidaram com as mudanças políticas, econômicas e sociais na região, ao longo do tempo, precisaram para legitimar suas ações. Assim, o trabalho de Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre (2015), “*A Arcádia Iguazuana de Letras de Nova Iguazu entre os períodos de 1955 e 1970*”, apresenta como essa instituição, a ALL, que foi fundada no município de Nova Iguazu durante a década de 1950, estava inserida nas disputas locais. A partir das obras literárias produzidas pelos arcadianos, baseadas nas suas memórias sobre a citricultura, a autora apresenta as transformações socioeconômicas e políticas no distrito sede da cidade de Nova Iguazu. Assim, ela destaca que com o declínio da citricultura diante das alterações de interesses econômicos nacionais era possível perceber que

Um conjunto de intelectuais formado por advogados, médicos, jornalistas, professores e representantes do poder público se reuniu em torno deste novo projeto histórico. O objetivo foi construir uma

literatura com base nas memórias de seus membros, principalmente, sobre as benesses em torno da laranja (ALEXANDRE, 2015, p. 22).

A autora destaca que essa foi a forma dos intelectuais reconhecerem as transformações econômicas da região, mas, ao mesmo tempo, se colocarem como interlocutores nesse processo. Os árcades desejaram cultuar um passado como uma “idade de ouro”, e, deste modo, eles “utilizaram suas memórias e registros anteriores como forma de significar sua representatividade no tempo presente” (ALEXANDRE, 2015 p. 33).

Assim, como aponta Rui Fernandes, esses intelectuais também fazem parte de um investimento do governo estadual em instituições históricas e literárias que produzissem sobre o passado histórico agrícola. “Ao se configurar o projeto político de Amaral Peixoto para o estado, este se alicerça nas tradicionais atividades agropastoris” (FERNANDES, 2009, p. 174). Desse modo, a Arcádia Iguassuana foi uma proposta local articulada ao objetivo destas instituições que era escrever uma história relacionando agricultura e prosperidade, um ideário de Amaral Peixoto.

A AIL preocupou-se com a escrita da literatura local e o enaltecimento da “história dos vencedores”. Desta forma, sua memória não estaria perdida frente às mudanças conjunturais. Foi uma manobra política para tornarem-se referências históricas sobre Nova Iguaçu.” (ALEXANDRE, 2015, p. 49).

Percebe-se que o projeto de produção de conhecimento desses intelectuais, considerados “memorialistas”, faz parte de uma proposta de projeto fluminense que investiu nos campos da cultura e da educação, com o objetivo de produzir livros, documentos, estatísticas e monografias sobre regiões tradicionalmente ligadas à agricultura. Na Baixada Fluminense, Nova Iguaçu foi o mais contemplado. Assim, há necessidade de entender como as produções locais direcionaram suas temáticas e qual passado desejaram colocar em evidência.

2- CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS: UM “TEMA” EM CONSTRUÇÃO

É importante destacar que existe um estudo produzido por Ana Lúcia Enne (2002), *“Lugar, meu amigo, é minha Baixada: Memória, Representações Sociais e Identidades”*, que apresenta uma análise sobre a escrita da História da Baixada Fluminense e permite acompanhar a trajetória de alguns agentes para configuração de uma rede de memória na região. Nessa tese, a partir das trajetórias individuais dos diversos agentes envolvidos na produção de conhecimento, a autora buscou entender as inserções desses sujeitos e seus pertencimentos em termos de identidades sociais, bem como se esses agentes e as instituições estariam envolvidos nas inserções coletivas na escrita sobre a região. Assim, ela destaca “fluxos e interações” que se constituíam de redes, sub-redes e elos, que estabeleceram uma rede de memória e da história na Baixada Fluminense.

Enne salienta que existiriam redes constituídas por indivíduos com interesses e alguns métodos semelhantes. Dentro dessas redes, os agentes se autorreferenciavam e se amparavam por interesses para uma produção de memória e história. Um dos grupos seriam os acadêmicos, que, para a autora, estaria constituída, em sua maioria, por professores da rede pública de ensino. Isso seria um indicativo da ponte entre o saber historiográfico e a preocupação didática em sala de aula para a divulgação e valorização da história local. Importante lembrar que Enne chama atenção que os agentes da sub-rede dos “acadêmicos” são oriundos de movimentos de militância política e buscam os “esquecidos” na história oficial. Eles entendem o “fazer histórico” como militância política.

Essa sub-rede, que Enne vai chamar de “acadêmicos”, se reconhece por uma produção de conhecimento que dialoga com produções e pesquisas embasadas nas fontes, na teoria e na metodologia. Eles entendem que estão realizando um “fazer histórico” com uma visão crítica do passado, se contrapondo aos estudos da sub-rede intitulada por Enne de “memorialistas”, que estariam produzindo uma narrativa linear com verdades históricas. Desse modo, a autora destaca que os acadêmicos buscam legitimar suas produções. Assim,

(...) Nos trabalhos escritos, há a busca permanente de diálogo com uma outra instância de interação, um *elo*, formada pelos trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses) que funcionam aqui como legitimadores de um “olhar científico (ENNE, 2002, p. 207, grifo da autora).

Essas produções indicam ações e militâncias envolvidas em um processo de positivação e fortalecimento de identidades. Nesse sentido, vale considerar que, a partir dos anos 1990, diante de um processo de redemocratização brasileira, ocorreu um aumento das discussões sobre ações afirmativas e direitos de reparação para populações afrodescendentes, bem como, uma abertura nos debates sobre questões de cultura e identidade a partir dos anos 2000.

O movimento de agentes preocupados com novas temáticas e operando com a memória no campo de lutas ideológicas estão configurando e gerando novas pautas para pensar o território. A visibilidade da temática das culturas afro-brasileiras nas produções acadêmicas sugere a valorização e a apropriação para os diferentes sujeitos envolvidos com as práticas educativas na cidade.

No campo da educação, as pesquisas sobre as temáticas na Baixada Fluminense, apresentam mais ênfase aos debates sobre as relações étnico raciais. As pesquisas contemplam os impactos e as repercussões da Lei n. 10.639 de 2003, que estabelecia as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. (SOUZA, 2009; CONCEIÇÃO, 2010; OLIVEIRA, 2010; PAULA, 2013; LAIA, 2014; JUNIOR, 2014).

Os fatores estruturais também são indicativos do aumento dessas pesquisas, dentre elas, é preciso considerar a jovem presença do Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas, no *campus* da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense UERJ/ FEBF, em Duque de Caxias (2009). Nesse sentido, muitos trabalhos foram realizados privilegiando o cenário da Baixada Fluminense. No quadro abaixo, é possível identificar que foram produzidos, nos últimos 4 anos, 4 dissertações na FEBF/UERJ, que envolvem a aplicabilidade da Lei 10.639/2003 e debates sobre relações étnico raciais e cultura afro-brasileira (SOUZA, 2009; OLIVEIRA, 2010; LAIA, 2014; JUNIOR, 2014). Além de um trabalho no programa de pós-graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Volume 6, Número 10, Janeiro - Junho de 2016**

(SILVA, 2010). Também foi possível identificar um trabalho no Programa de Pós-graduação em Educação na UERJ, *campus* Maracanã (PAULA, 2013), um trabalho da UFF (CONCEIÇÃO, 2010) e um na UNIRIO (SILVA, 2010).

Deve-se considerar que a região é composta por significativa parcela da população de pardos e negros, sendo possível inferir que os debates sobre a temática estejam nas pautas de pesquisa dos docentes e discentes. Essas produções sinalizam um reflexo dos movimentos contínuos no campo da educação na cidade de Duque de Caxias⁴, que permitem entender o papel de determinadas instituições na cidade, e como elas estão se relacionando com as leis e com o processo de reconhecimento e valorização do patrimônio cultural da população afro-brasileira.

Quadro 1:

Teses e Dissertações sobre relações étnico-raciais e cultura afro-brasileira na Baixada Fluminense

Instituição	Educação	Dissertação	Tese
UFF	1	1	0
FEBF/UERJ	4	4	0
UERJ	1	0	1
UFRJ	0	0	0
UFRRJ	0	0	0
UNIRIO	1	1	0

Fonte: *Sites* programas das universidades UFF/ UERJ/UFRJ/UFRRJ⁵

2.1– O MUSEU VIVO DO SÃO BENTO E PROJETOS SOBRE A DIÁSPORA AFRICANA

A própria Baixada Fluminense se constitui de inúmeras iniciativas de produções historiográficas, atividades de preservação patrimoniais e atividades educativas. Essas iniciativas se multiplicam pelo protagonismo dos agentes dos movimentos sociais que, muitas vezes, também são pesquisadores acadêmicos e reaparecem em setores da

⁴ Através dos títulos e resumos, foi possível apresentar esse primeiro levantamento com as dissertações e teses nas subáreas da História e da Educação, entre os anos 2000 e 2014. Desse modo, é possível que outros trabalhos que abordem a temática da escravidão e das culturas-brasileiras não tenham sido identificados através do método utilizado.

⁵ Banco de Teses e Dissertações em construção na pesquisa em desenvolvimento. Projeto de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, cultura e Comunicação em Periferias Urbanas FEBEF/UERJ (2015-2017).

administração pública. Uma experiência de práticas educativas com foco no patrimônio, que merece maior atenção é o Museu Vivo do São Bento.

Tenho acompanhado determinados projetos no Museu Vivo do São Bento, em Duque de Caxias⁶. Vale destacar que esse museu é resultante das ações educativas e dos movimentos sociais da cidade, cuja trajetória já perpassa quase duas décadas. Para pensar a complexa conjugação de patrimônio, museus e redes educativas, seria interessante destacar a importância da educação para o patrimônio (Candido, 2012). Entendo que essas ações promovidas pelo Museu fazem parte de uma rede da memória na região, preocupada em promover uma mediação com a comunidade para a promoção de representação simbólica, estabelecendo um sentido e um diálogo entre o presente e o passado, que permita reconstruir identidades.

Assim, a partir do registro de prestação de contas do ano 2014 do Museu Vivo do São Bento,⁷ foi possível avaliar algumas ações educativas voltadas ao patrimônio. Dentre elas, destaco a apresentação intitulada “Nos caminhos da Diáspora”, com imagem de abertura de uma máscara africana realizada pelo nigeriano Luckman Aladi Fakeye. A máscara foi um presente do artista para o museu, após realização de oficinas com as mulheres artesãs⁸ da instituição.

Nas atividades sobre os caminhos da diáspora, também são apontadas, como um achado de pesquisa,⁹ o encontro do Quilombo Maria Conga, em Magé, com realização de entrevistas e visita ao quilombo. Essa atividade também está relacionada à preocupação desses agentes de memória em identificar locais e favorecer a visibilidade dos agentes históricos que foram excluídos da chamada história oficial.

⁶ O Museu Vivo do São Bento foi institucionalizado em 2005. Entretanto a experiência educativa que o gerou é de, pelo menos, uma década anterior. Atualmente, é constituído como o primeiro museu de percurso da Baixada Fluminense. O seu funcionamento está na sede na Rua Benjamin da Rocha Junior SN. São Bento. Duque de Caxias–RJ. Para demais informações, é possível consultar em www.museuvivodosaobento.com.br.

⁷ Ocorreu uma apresentação pública no Museu, no mês de dezembro de 2014, para apresentar trabalhos realizados no ano. As apresentações dos projetos estão em versão CD, com fotos e textos sobre as seguintes atividades: Jovens agentes do Patrimônio, Projeto centenários; APA São Bento 1 e 2; Centenário Joãozinho da Gomeia; Cultura Afro-brasileira na Baixada Fluminense; Memórias Andarilhas e Nos caminhos da Diáspora.

⁸ As mulheres artesãs já fazem parte de um outro projeto da instituição que objetiva realizar rodas de conversa com mulheres da comunidade. Um diálogo com importância entre memória e história. Além das rodas de conversa, as mulheres também realizam artesanatos que permite ampliar a renda econômica familiar.

⁹ Na apresentação fica registrado que a pesquisa é resultado da parceria com a animadora cultural e pesquisadora Célia Barros.

Entre as atividades do Museu Vivo do São Bento, no âmbito das redes educativas da Baixada Fluminense, há uma preocupação de pensar aquela região através das conexões com a cidade do Rio de Janeiro e com o Vale do Paraíba, particularmente a cidade de Vassouras. Para isso, são organizados estudos de campo que visam buscar uma aproximação das experiências afro-brasileiras da Baixada Fluminense com outras regiões que já são referências. Neste sentido, vale lembrar que o Memorial Manoel Congo, em Vassouras, por exemplo, é um local que representa a presença e a resistência negra serra acima, mas sua localização fica praticamente escondida em um canto da cidade e passa despercebido por muitos visitantes. Com isso, é importante dizer que a invisibilidade das referências afro-brasileiras é um desafio não apenas na Baixada Fluminense, mas em outras regiões que gozam de mais pesquisas e investimentos culturais e patrimoniais.

Particpei dessa atividade de campo em Vassouras, promovida pelo Museu através do curso de formação continuada Patrimônio, Memória e Cultura Afro Brasileira na Baixada Fluminense¹⁰. Esse trabalho de campo também foi apresentado dentro das atividades do museu realizadas durante o ano de 2014, mas com o seguinte título “Formação Continuada dos Professores, Alunos e Militantes Curso Diáspora Africana e a Baixada Fluminense Organização e Coordenação: Nielson Rosa Bezerra”. Quando o relatório oficial de atividades do museu¹¹ inclui “alunos e militantes” no título do curso e dos estudos de campo em questão, é sugerida a intencionalidade e o entendimento de que as ações que destacam a participação do negro na formação da nação devem ser encaradas como luta contínua por professores, alunos e pesquisadores da região.

Entender o processo de constituição desse museu nos ajuda a compreender as escolhas temáticas dos projetos desenvolvidos pela instituição. Esse movimento se iniciou a partir dos anos 1990, com a reivindicação de um grupo de professores da rede pública do município de Duque de Caxias, apoiados pelo Núcleo Local do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe-Caxias) à inclusão do ensino de

¹⁰ Edital FAPERJ no 34/2013 Programa Apoio à Melhoria do Ensino em Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro – 2013 – Coordenação Professor Doutor Nielson Rosa Bezerra. Projeto de Extensão: Patrimônio, Memória e Cultura Afro-brasileira na Baixada Fluminense.

¹¹ Ver CD descrito na nota 5.

história do município nos currículos escolares no texto final da Lei Orgânica Municipal. Contando com um movimento de pressão popular, de ocupação da Câmara Municipal e a mobilização dos movimentos sociais, os vereadores aprovaram aquela demanda, abrindo diferentes possibilidades para que a pesquisa e o ensino sobre a cidade de Duque de Caxias e a Baixada Fluminense ganhasse fôlego, que pode ser mais bem identificado na atualidade. Dessa forma, foi se configurando uma nova Rede Memória e História por um grupo de professores preocupados com a memória da Cidade e com a preservação patrimonial.

Esse grupo de professores estabeleceu laços de trabalho com os professores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias – FEUDUC. Neste mesmo processo, foi criada a Associação de Professores e Pesquisadores de História (APPH- Clio), e os associados se organizaram em grupos de pesquisa da história local e estudos teóricos para ingresso em programas de mestrado e doutorado.

“A intensificação desse movimento consolidou uma perspectiva de educação patrimonial que tinha os seguintes objetivos: a) fomentar a criação de outras entidades que tivessem fins similares; b) realizar cursos para professores da rede pública; c) incentivar pesquisas; d) organizar congressos bienais para comunicar e trocar conhecimentos produzidos; e) publicar a revista Hidra de Igoassu que ajudaria na divulgação das pesquisas finais ou em curso.” (SILVA; SOUZA 2009 p. 150).

Esses professores também construíram roteiros didáticos pedagógicos de visitação de diferentes espaços de memória da história da Baixada Fluminense, direcionados aos professores da rede pública na cidade. As atividades culturais permitiram a institucionalização do Conselho Municipal de Cultura (CME) e a participação direta dos professores como conselheiros, que asseguram a criação da Cadeira de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Etnográfico e Cultural. Assim, por meio de dois decretos (4.805 e 4.806), após a reivindicação dos professores em 2005, o governo municipal criou o Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias e o Centro de Memória e História da Educação da Cidade de

Duque de Caxias e Baixada Fluminense¹². (SILVA; SOUZA, 2009). Essas instituições são paraestatais, ou seja, recebem garantia da participação do poder público, mas são autônomas, com a participação de representantes da sociedade civil na formação de seus conselhos deliberativos.

Considero importante destacar que uma das primeiras ações do Centro de Referência, que recebeu o nome de Museu Vivo do São Bento, foi um movimento de preservação do sítio arqueológico Sambaqui do São Bento. Esse sítio era visitado por professores dentro do roteiro de memória da região. Contudo, em 2007, um movimento de loteamento ameaçava a venda do terreno¹³, assim, foi iniciada uma campanha para salvar o Sambaqui, que gerou um movimento para arrecadar um valor para a compra simbólica do terreno. A mobilização gerou 11 mil reais, angariados pela doação de professores, alunos, militantes e sindicatos parceiros. Essas ações representam o papel de militância dos agentes de um determinado território que estão preocupados em agir na comunidade, para a comunidade e com a comunidade. Esse movimento de reconhecimento e valorização do passado de diferentes agentes sociais oferece lugar de luta pelo direito à memória para aqueles que não eram reconhecidos como agentes da história.

Ainda na apresentação das atividades do museu, no ano de 2014, estão as fotos das visitas ao terreiro de Mãe Regina de Bamboxê¹⁴ e as atividades de comemoração

¹² Neste trabalho não será possível abordar as atividades desenvolvidas pelo CEPEMEd (Centro de Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense), mas o centro também desenvolveu trabalhos diretamente ligados a pesquisa e ensino com a temática da cultura afro-brasileira, como o projeto “Menina, quem foi seu mestre?”, que envolvia os mestres de capoeira da região e as alunas do curso normal do Instituto Governador Roberto Silveira. Cabe destacar que o CEPEMEd oferece anualmente o curso de Educação Patrimonial, com o objetivo de capacitar e instrumentalizar, teórico e metodologicamente, alunos de graduação e pós-graduação, professores da rede de educação básica, para pesquisas nas instituições escolares, entendidas como Patrimônio na região.

¹² Cabe explicar que o terreno é da União, mas que fora ocupado por diferentes famílias ao longo do tempo. Dessa forma, mesmo com o reconhecimento do IPHAN, o sítio era ocupado por diferentes famílias que permitiam a visitação de estudantes e professores.

¹³ O terreno é da União, mas que fora ocupado por diferentes famílias ao longo do tempo. Dessa forma, mesmo com o reconhecimento do IPHAN, o sítio era ocupado por diferentes famílias que permitiam a visitação de estudantes e professores.

¹⁴ “O candomblé no eixo Salvador-Rio de Janeiro, de nação ketu dentro do axé Bamboxê, é trazido para o Rio de Janeiro pelos Babalaô Bamboxê Obitikó, seguido por seu neto Felisberto Sowzer (Benzinho Bamboxê) no final do séc. XIX e mantido através da bisneta de Bamboxê Obitikó e filha carnal de Felisberto Sowzer, a Yalorixá Regina de Bamboxê. Ela construiu uma casa de santo, o Axé Ilê Yamim, em Parque Eldorado, nas proximidades de Santa Cruz da Serra, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, em meados do século XX. Eles contribuíram para a formação do Candomblé no Brasil, assim como para a

do Centenário¹⁵ desse ícone na região, seguido dos registros que foram realizados em entrevistas com as filhas de santo. Nesse sentido, percebo que os profissionais do museu atuam na cidade de Duque de Caxias com projetos direcionados a um diálogo com a região, no sentido de reconhecimento e valorização dos agentes sociais que por muito tempo ficaram invisíveis na história e na memória. A cultura afro-brasileira é um exemplo dessa necessidade de reparação, tanto que o volume de atividades relacionadas à temática é significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de produção de conhecimento na Baixada Fluminense representa um fluxo e refluxo das ações e reações vivenciadas pelos agentes e agências na região. Nesse sentido, a escrita acadêmica sobre a cidade faz parte de um processo que envolve disputas de memórias na Baixada Fluminense presentes nos diferentes “usos do passado”. Nos últimos anos, é possível evidenciar que na confluência com o processo de redemocratização do país as produções acadêmicas e culturais evidenciam novas demandas temáticas, e o Museu Vivo do São Bento representa esse processo de militância na cidade de Duque de Caxias, com destaque aos temas e grupos sociais que não eram visibilizados pela escrita da história.

O Museu Vivo do São Bento, através de seus projetos, permite relacionar a produção acadêmica e as práticas educativas, que, cada vez mais, estão sendo desenvolvidas na cidade, com foco a identificar as permanências e mudanças que a diáspora africana imprimiu na região. Assim, muitas são as experiências culturais e educativas na Baixada Fluminense; contudo, esse estudo destaca o movimento de

sua propagação no eixo Salvador-Rio de Janeiro, no período compreendido entre 1840-1886 e 1925-1957, chegando até os dias atuais. A tradição que lhe foi transmitida foi passada aos seus filhos de santo, cuja cultura e religiosidade foram repassadas, e ainda o são, através da oralidade, o que se pode observar na memória coletiva dos membros do Axé Ilê Yamim. Vale ver Também o texto de Elisa Castilho sobre Bamboxê.

Vale a leitura da obra pioneira sobre a Mãe Regina: GOMES, Elaine Cristina Marcelina. Mãe Regina de Bamboxê. Diálogos entre o Rio de Janeiro e Salvador. Uma História Social do Axé. Niterói, Dissertação de mestrado pela Universidade Salgado de Oliveira, 2012.” Texto e citação na apresentação sobre as atividades.

¹⁵ Ainda nesse Cd de divulgação das atividades, há um tópico exclusivo sobre o centenário de Mãe Regina do Bomboxê e Joãozinho da Gomeia, com inauguração do busto e lançamento de livros sobre Joãozinho da Gomeia.

práticas educativas em Duque de Caxias, que resultam de reivindicações de professores que estão pensando a cidade e disputam a memória da região. Essas atividades evidenciam a emergência de pautar as culturas afro-brasileiras na agenda cultural na cidade de Duque de Caxias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. *Um cenáculo de letrados: Sociabilidade, Imprensa e Intelectuais a partir da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) (Nova Iguaçu, 1955-1970)*. Nova Iguaçu, 2015. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

ASSMANN, Aleida. Locais. In: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, Editora da Unicamp, 2011.

BEZERRA, Luiz Anselmo. A Família Beija-flor. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, 2010.

BEZERRA, Nielson Rosa e LAURENTINO, Eliana Santos da Silva. Historiografia e Escravidão na Baixada Fluminense. In: *Revista Pilares da História*. Ano 15, edição especial, maio de 2016, pp. 31-41.

BEZERRA, Nielson Rosa. A historiografia tradicional e a invisibilidade da escravidão na Baixada Fluminense. Mimeo, 2014.

BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da Escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas no Recôncavo do Rio de Janeiro, 1780-1840. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, 2010.

CHUVA, Márcia. *História e Patrimônio: entre o risco e o traço, a trama*. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Vol. 34 2012. pp. 11-27

CONCEIÇÃO, Deise Guilhermina da Formação docente para a educação antirracista no município de Duque de Caxias. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação. Febf/ UEUR, 2010.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho. Campesinato negro no pós-abolição: migração, estabilização e os registros civis de nascimento; Vale do Paraíba e Baixada Fluminense, RJ (1888-1940). Dissertação de Mestrado em História Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DEMÉTRIO, Denise Vieira. Famílias escravas no Recôncavo da Guanabara: séculos XVII e XVIII. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, 2008.

DEMÉTRIO, Denise Viera. Senhores governadores: Artur de Sá e Meneses e Martim Correia Vasques. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, 2015.

DIAS, Amália. *Entre Laranjas e Letras: processo de escolarização no Distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2014.

ENNE, Ana Lúcia Silva. *“Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: Memória, Representações Sociais e Identidades*. Rio de Janeiro, 2002. Tese de Doutorado em Antropologia Social. PPGAS/MN/UFRJ.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e a identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. Rio de Janeiro, 2009. Tese de Doutorado em história. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FORTE, José Matoso Maia. *Memória da Fundação de Iguassú*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Comércio, 1933.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Brasília: EdUNB, 1963.

GAMA, Elisabeth Castelano. Mulato, Homossexual e macumbeiro: que rei é este? Trajetória de João da Gomeia (1914-1971). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, 2012.

GOMES, Flávio dos Santos. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOULART, José Alípio. *Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel; e GONTIJO, Rebeca. *Cultura Política e leituras do passado: historiografia e ensino de História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Faperj, 2007.

_____. *História, Memória e Patrimônio*. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n.34, Ano 2012, pp. 91-113.

GREGÓRIO, Maria do Carmo. Solano Trindade: raça e classe, poesia e teatro na trajetória de um afro-brasileiro (1930-1960). Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rio de Janeiro, 2005.

HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence (orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JUNIOR, Jorge Roberto Ribeiro Braga. *Os pontos de cultura como aspectos não formais de ensino: Práticas educativas na Baixada Fluminense*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. FEBF/UERJ, 2014.

KARASCH, Mary. *Vida escrava no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LAIA, Cristiane Maria Medeiros. *Produção cultural na Baixada Fluminense: Lira de ouro, revolução molecular*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. FEBF/UERJ, 2014.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MACHADO, Rubens da Mota. *A terra e seus muitos domínios: Senhores, lavradores e escravos nas redes pelo usufruto da terra (Vila de Iguazu, 1840-1880)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, UFRJ, 2013.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*, no. 10, dezembro/1993. São Paulo: PUC/SP.

OLIVEIRA, Luís Cláudio de. *Dos limites ideológicos da Lei 10639/03: Representações sobre religiões afro-brasileiras na formação de professores*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. FEBF/UERJ, 2010.

OLIVEIRA, Nelson Henrique Moreira de Oliveira. *Forros Senhores da freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguazu, fins do século XVIII*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

PAULA, Cláudia Regina de. *Pilares negros: educação, fé e política na Diocese de Duque de Caxias*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. UERJ, 2013.

PEREIRA, Waldick. *Cana, café e laranja: história econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: FGV, 1977.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, pp. 3-15. _____. *Memória e Identidade Social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, pp. 200-215.

REVEL. J. (org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. *Cultura popular: usos e abusos de uma ferramenta historiográfica*. In: REVEL *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, pp. 163-186.

_____. Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica. In REVEL, J. *Proposições: ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, pp. 97-137.

RODRIGUES, Ana Paula. Famílias, casas e engenhos: a preservação do patrimônio no Rio de Janeiro (Piedade de Iguaçu e Jacutinga, séculos XVII-XVIII). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Eduardo e REIS, João José. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Katia Vicente da Silva. *A implementação da Lei 10.639/03 no Município de São João de Meriti: Limites e possibilidades*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Marlúcia dos Santos. *Escavando o Passado da Cidade – História Política da Cidade de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.

SOUZA, Yvone Costa de. Atravessando a linha vermelha: programa “Nova Baixada” de educação infantil - discutindo diversidade étnico-racial e cultural na formação docente. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação. Febf/UERJ, 2009.

Recebido em 05 de maio de 2016.

Aceito em 06 de junho de 2016.